

O ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A DIMENSÃO PROFISSIONAL DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

Aldenice do Nascimento Araújo¹

Norma Sheilla Freitas de Oliveira²

RESUMO

Este escrito propõe um debate reflexivo sobre as práticas desenvolvidas no ensino de História nas escolas públicas de Parnaíba, visando perceber como são introduzidas as aulas, de tal forma que amplie o processo ensino-aprendizagem baseando-se também na necessidade e no interesse dos alunos; sendo apresentado por meio deste, a opinião de professores e alunos quanto ao significado da disciplina de História, bem como o modo como são alargados os conhecimentos através dos docentes, e assimilados pelos discentes. Propondo nos compreender quão vasta é a necessidade do uso de técnicas inovadoras que estimulem os alunos a refletirem precisamente a respeito dos fatos que compõem nossa História, assim como levar os alunos a se sentirem capazes de atuar como sujeitos históricos, compreendendo assim o verdadeiro sentido do fazer e ensinar História a partir do estudo teórico e dos relatos obtidos através de visitas às salas de aula, entrevistas semi-estruturada e rodas de conversa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Processo Ensino-aprendizagem; Motivação;

1.INTRODUÇÃO

Este escrito discute a respeito das principais dificuldades vivenciadas por professores e alunos quanto à aprendizagem e o Ensino de História, decorrentes da falta de motivação na sala de aula além de outros fatores, visando novas reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas cotidianamente no processo de ensino-aprendizagem; e para se obter uma aprendizagem significativa com os alunos é necessário que o educador seja consciente que:

[...] Ensinar, então, ao contrário do que muita gente imagina, vai muito além do promover condições para a construção do conhecimento – tarefa que, sozinha, já constitui uma nobre missão. Ensinar, na verdade, é também desenvolver, junto aos alunos, uma série de importantes e imprescindíveis papéis, nos quais o professor investe a fim de que se tornem paradigmáticos na estruturação da personalidade de seus alunos. (AYRES, 2007, P.16).

¹Aluna do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso / Parnaíba.
aldenicearaujo2010@hotmail.com

²Aluna do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Reis Velloso / Parnaíba.
normasheilla@hotmail.com

Na tentativa de compreender a realidade parnaibana, realizamos um estudo de caso em uma escola pública, na qual tivemos como sujeitos da pesquisa alunos e professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I; como define Minayo:

Os estudos de caso utilizam estratégias de investigação qualitativa para mapear, descrever e analisar o contexto, as relações e as percepções a respeito da situação, fenômeno ou episódio em questão. E é útil para gerar conhecimento sobre características significativas de eventos vivenciados, tais como intervenções e processos de mudança (2006, p.164).

Diante do primeiro contato, foi possível perceber que as dificuldades mais comuns enfrentadas por professores e alunos procedem de um conjunto de causas, como: salas mal iluminadas, sem ventilação, salas de aula minúsculas, ausência de recursos pedagógicos inovadores e descompromisso da família para com o apoio à escola; sendo assim cabe ao professor:

[...] descruzar os braços e, num primeiro momento, identificar os principais problemas do ambiente escolar, que podem ser apontados nas reuniões com a equipe. A etapa seguinte, a busca de soluções, tende a ser mais efetiva se for pensada coletivamente.” (NOVA ESCOLA, 2010, P.38).

Os dados foram coletados por meio da observação não participante através de um roteiro de observação (formulado a partir da leitura dos PCN), que foi realizado nas aulas de História; executamos também entrevistas semi-estruturadas com professoras da disciplina já citada; e uma roda de conversa com um grupo de crianças de faixa etária entre 9 e 11 anos, que originou-se a partir da leitura da história: Pinóquio. A pesquisa realizada teve caráter qualitativo, a qual não considera a quantidade de sujeitos analisados, mas a qualidade dos dados obtidos. E a partir das informações alcançadas o pesquisador irá propor argumentos reflexivos perante as informações alcançadas.

[...] O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produto das interpretações que os homens fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. (MINAYO, 2006, P. 57).

Nossa pesquisa objetivou conhecer a realidade existente dentro das escolas, em relação às práticas motivadoras no processo educacional quanto ao ensino de História, que possam promover o interesse dos alunos e incentivar os professores a buscarem técnicas inovadoras capazes de fazer o diferencial dentro das escolas públicas de Parnaíba; bem como observar os problemas vivenciados em sala de aula pelos alunos, que brotam da falta de

atividades interessantes para os mesmos. Na visão de Ayres (2007), o futuro do Brasil está aliado ao desempenho profissional de cada educador, e mesmo que o sistema escolar esteja permeado de dificuldades é por meio da educação que se introduz no educando valores, princípios e conhecimentos, que o seguirão por toda sua existência.

Através da investigação realizada, pode se observar os recursos e os métodos que são utilizados nas aulas, para a partir daí analisarmos se há eficácia e contribuição destes em prol da aquisição do conhecimento de forma dialética, onde o educando tenha a liberdade de refletir criticamente quanto a maneira como são apresentados os fatos históricos. É evidente a presença de lacunas provocadas pela ausência de um ambiente transformador e interativo que ofereça à criança estímulo e interesse por todas as disciplinas, tendo em vista que as diferentes áreas do saber podem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar no momento em que todas as disciplinas são indispensáveis à constituição do conhecimento.

O processo de ensino-aprendizagem deve ser analisado de forma ampla e complexa levando em consideração o desenvolvimento de cada indivíduo, principalmente porque o educador se deparará com um universo de caracteres representados individualmente pelas crianças; as mesmas aprendem de modo próprio, carregando suas experiências vividas em família e no âmbito social.

[...] A sólida aprendizagem decorre da consolidação de conhecimentos e métodos de pensamento, sua aplicação em situações de aula ou do dia-a-dia e, principalmente, da capacidade de o aluno lidar de modo independente e criativo com os conhecimentos que assimilou. Tudo isso requer tempo e trabalho incessante do professor.” (LIBÂNEO, 1994, P. 87).

Quando faltam motivação e intencionalidade pedagógica em sala de aula estamos abrindo um vasto caminho para a indisciplina, que resulta no autoritarismo exacerbado do professor, como também é uma porta aberta para a evasão escolar, um dos pontos preocupantes para o atual sistema educacional. Na concepção de Paulo Freire (2006), não há necessidade e nem espaço para a autoridade sem limites diante da indisciplina dos alunos, no momento em que o professor se sente seguro e firme quanto à sua competência profissional, age com generosidade e humildade, e institui um real laço de companheirismo e respeito com os discentes. Entretanto, ao envolver os alunos o educador logo perceberá o empenho e o interesse destes pelas atividades propostas, resultando com eficiência o sucesso do ensino-aprendizagem.

É essencial que o professor tenha conhecimento sobre as principais teorias e práticas que estudam a aprendizagem e o desenvolvimento, podendo estimular os aprendizes para a produção de informações. As atitudes do professor em sala de aula são determinantes para despertá-los e incentivá-los.

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educando.” (FREIRE, 2006, P. 145).

Outro fator que desperta o estímulo de ambos os sujeitos do processo escolar é a relação professor-aluno que também será proveniente das práticas pedagógicas do cotidiano. Na visão de Libâneo (1994), a organização do trabalho entre professor e aluno dependerá crucialmente do processo didático para a obtenção do conhecimento, como também do respeito por parte do grupo envolvido a serviço da concretização de vínculos afetivos e éticos.

E por meio desta pesquisa foi possível perceber a necessidade de práticas pedagógicas motivadoras no Ensino de história das escolas públicas parnaibananas. Sendo assim, partimos então para os seguintes questionamentos: como o professor poderá estimular o interesse dos alunos em sala de aula? As aulas de História são desenvolvidas de modo crítico e significativo? Qual a visão teórica em relação aos componentes curriculares do Ensino de História nas séries iniciais? O que mais dificulta a aprendizagem: a falta de disciplina dos alunos ou a falta de estímulo por parte do professor?

2.O ENSINO DE HISTÓRIA E AS PRÁTICAS INOVADORAS

Ao longo de muitas décadas, o Ensino de História no Brasil vivencia vastas transformações que visam mudanças significativas para a sociedade, porém, na prática escolar é contínuo o uso de atividades de memorização e elevação das festividades cívicas, usadas como técnicas indispensáveis para os docentes. Os PCN detalham claramente a sequência dos conhecimentos propostos ao currículo da área de História desde a constituição do Estado brasileiro até a contemporaneidade. Sendo assim vale enfatizar que:

“[...] ensinar e aprender História no atual contexto sociopolítico e cultural requer que retomemos uma velha questão, que é o papel formativo do ensino de História. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da História, ou seja, a História como saber disciplinar que tem papel fundamental na formação do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças, desigualdades e contradições múltiplas. (FONSECA, 2009. p. 83).

Por meio das observações realizadas em algumas aulas, tivemos a oportunidade de averiguar as reais situações em que se desenvolve o Ensino de História nas escolas públicas de Parnaíba; encontramos professores preocupados apenas em levar conteúdos que não possibilitam às crianças uma formação crítica, pois o conhecimento apresentado para elas limita-se a cópia de textos e pesquisas, que não são debatidas de modo que o aluno se expresse diante do que pesquisou ou mesmo daquilo que leu, isso porque nem mesmo a professora domina o assunto profundamente. E por não sentir-se totalmente segura com seu propósito, sentimos certa resistência e características de incômodo em relação a nossa presença, chegando a tal ponto de nos argumentar que estava iniciando seu trabalho com a turma e que se sentia desatualizada naquele momento quanto ao nível de aprendizagem das crianças.

Ao longo do acompanhamento das aulas apreendemos nitidamente a falta de estímulo, por meio daqueles que se dizem educadores dos alunos que, certamente, necessitam de estímulo e cuidado; sendo que esses, ao mesmo tempo em que formulavam as perguntas também as respondiam, não estimando assim a capacidade dos alunos em estabelecerem ideias reflexivas a partir das informações prestadas. Deste modo ressalva-se que:

O ensino e aprendizagem de História envolvem uma distinção básica entre o saber histórico, como um campo de pesquisa e produção de conhecimento do domínio de especialistas, e o saber histórico escolar, como conhecimento produzido no espaço escolar.” (BRASIL, 2007, p: 35).

Os conhecimentos provenientes de diferentes fontes de informação juntamente com o material didático, constituem por alunos e professores o saber histórico escolar, e no momento em que este se alia ao saber histórico são delimitados três conceitos considerados fundamentais para o Ensino de História: fato histórico, sujeito histórico e tempo histórico. De acordo com os PCN (2007), os fatos históricos podem ter conceitos diferenciados que dependerão da visão do professor, podendo referir-se aos casos ocorridos ao longo da história como também às ações humanas que marcaram significativamente a vida em sociedade. Há certa contestação entre sujeitos da História e sujeitos históricos, no qual é remetido ao primeiro, características heróicas, individuais e soberanas, sendo estes considerados únicos indivíduos responsáveis pelos acontecimentos históricos; e quanto ao segundo subentende-se como pessoas ou classes sociais que realizaram ações significativas em favor do benefício de toda uma sociedade, tendo em vista interesses coletivos. O tempo histórico deve ser compreendido e institucionalizado não apenas a partir de datas, mas de tal modo que leve o

educando a compreender e repensar as modificações enfrentadas pela humanidade, identificando-as como acontecimentos pontuais ou com duração mais longa, enfatizando as marcas dos fatos e não apenas suas superficialidades.

Entretanto, confrontando a realidade de uma sala de aula onde a falta de interesse era predominante e a indisciplina gerava tanta desorganização, logo adiante nos deparamos com outra realidade que se fundamentava na autonomia do professor de forma tradicional, com carteiras enfileiradas, na qual os alunos deveriam ficar permanentemente sentados e quietos; estes ampliavam o processo de ensino aprendizagem baseados na memorização de datas e de nomes de sujeitos considerados históricos, tornando-os a partir daí indivíduos desmotivados e impossibilitados de compreenderem os fatos com precisão e complexidade, e que tem como único recurso pedagógico o livro didático e o quadro acrílico.

As práticas escolares vivenciadas pelos alunos das séries iniciais da escola pública investigada são desenvolvidas de forma controversa à proposta dos PCN, isto porque os educadores seguem metodologias ultrapassadas e mecânicas não fazendo uso dos documentos. O Ensino de História não é analisado como algo contribuinte para ampliação dos conhecimentos dos indivíduos, que logo poderão atuar como agentes transformadores da sociedade em que estão inseridos.

Compreendemos, então, que falta na escola observada o profissionalismo dos professores ao elaborarem suas aulas, que necessariamente requerem objetivos significativos, propondo com isso induzir o educando a conhecer e refletir a respeito da história local como também do cotidiano; mas, para isso é fundamental que o educador conheça e possa se situar, compreender e intervir no meio em que vivem as crianças, para em seguida ser problematizado e explorado no cotidiano da sala de aula, com criatividade e a partir de diferentes situações, o modo como podem “fazer e aprender História”. Na visão de Berutti e Marques:

O ensino de História deve contribuir para o desenvolvimento de capacidades de compreensão e atitudes de respeito com relação a outras culturas e sociedades, em outros tempos e espaços (respeito às diferenças). Além disso, [...] O ensino de História deve também romper com uma filosofia da História voltada para a construção de uma visão do homem e do mundo que legitima formas de dominação e exploração sociais.” (2009, p. 151-152).

Os referidos autores argumentam também que, para os alunos adquirirem o gosto pela História é necessária a percepção sobre o valor destes conhecimentos para sua própria vida em sociedade, de modo que apreendam essas informações de maneira intensa, fundamentada e reflexiva.

Em entrevista com a professora do 4º e 5º ano que ministra aulas da disciplina há pelo menos 04 anos, a questionamos como se trabalhava a História local em referência ao cotidiano das crianças, em resposta a mesma argumentou que há a disciplina de História do Piauí, através da qual são explorados os conteúdos de acordo com as festividades comemorativas e dos fatos históricos do nosso estado por meio do estudo de textos e entrevistas com pessoas mais velhas realizadas pelas crianças; e mesmo havendo pouco envolvimento da família com a escola, as crianças abstraem várias informações através dessas atividades. Ela também nos relatou que não são utilizados os PCN durante a elaboração do planejamento, no entanto, na prática, argumenta a professora: “considero estar trabalhando de forma interdisciplinar com o desenvolvimento da escrita e da matemática quando trabalho textos e datas nas aulas de História, afinal, a escola considera estas disciplinas fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, e as demais são apenas complementares, designando pouca importância. Quanto à interdisciplinaridade Brodbeck ressalva que:

A interdisciplinaridade busca, sobretudo, um ensino que concilie diferentes conceitos, de diferentes áreas. Assim, pode-se substituir a fragmentação pela interação, permitindo que o aluno aprenda a relacionar conceitos e, conseqüentemente, construa novos conhecimentos, com muito mais autonomia e criatividade.” (2009, p.27)

De acordo com a professora, o planejamento desenvolvido na escola não é organizado de maneira participativa de forma que todos os envolvidos o constituem; é formulado apenas por um grupo mínimo, determinado pelo nível das séries, porém, a execução deste na sala de aula ocorre individualmente. A partir de então percebemos quão grande é a desorganização escolar quanto aos critérios do processo ensino-aprendizagem, pois na concepção de Libâneo (1994), o planejamento é uma atividade que deverá despertar a reflexão sobre nossas práticas pedagógicas ao mesmo tempo em que necessitamos tomar consciência da direção que queremos determinar nossos atos, com o objetivo de não nos entregarmos aos interesses estabelecidos pela sociedade majoritária, além disso, o ato de planejar advindo apenas do professor não despertará tanto significado quanto aquele desenvolvido juntamente com a direção, organização e coordenação do ensino, sempre aliando a teoria à prática de tal forma que exista ponderação sobre suas experiências

acumuladas. “Planejar é condição primordial quando desejamos realizar alguma coisa com sucesso, de forma eficaz. Para isso precisamos pensar nas estratégias, nos objetivos e principalmente nos recursos dos quais dispomos.” (BRODBECK, 2009, p. 136).

Na visão da professora é atribuído respeito e interesse pelos conhecimentos prévios dos alunos, despertando a partir daí o estímulo destes pela busca constante do saber. Para Berutti e Marques:

Os conhecimentos e as experiências prévias dos alunos são relevantes na medida em que eles podem relacioná-los aos temas que serão objetos de estudo. Com isso, os alunos se sentirão mais motivados e atraídos a participar das atividades. Nessa perspectiva, consideram-se os alunos como sujeitos sociais portadores de experiências socioculturais e ativos nos processos de aprendizagem, sendo capazes de construir, reconstruir e apropriarem-se criticamente dos conhecimentos.” (2009, p. 29)

Além disso, atribuir valores aos conhecimentos prévios dos alunos exprime para eles, a oportunidade de expressão de suas ideias de modo que se sintam capazes de atuar como sujeitos críticos dotados de informações, ajudando-os assim a assimilarem novos saberes com menos deficiência. Ao professor cabe o diálogo com os alunos a respeito da relação entre os novos conhecimentos, habilidades e atitudes, com os dados já existentes. Esta conversação ocorrerá na sala de aula através do envolvimento de todos os sujeitos ali inseridos; com isso a aprendizagem só terá êxito por meio das interações sociais mediada pela ação pedagógica, a qual favorecerá o desenvolvimento cognitivo, social e ético dos alunos. (BERUTTI e MARQUES, 2009).

Quanto aos recursos metodológicos utilizados, a professora afirmou fazer uso de vídeos, músicas e gravuras, sendo estas apenas provenientes do livro didático, visando sempre à comparação entre o atual e o antigo, para que assim os alunos compreendam claramente as transformações ocorridas. Entretanto, são prevaletes as metodologias tradicionais, com o uso de textos expositivos e elaboração de questionários a partir das leituras realizadas; infelizmente a escola não dispõe de recursos tecnológicos, e quando usados em sala de aula são de origem particular. Sendo assim vale ressaltar que:

[...] no processo de construção do conhecimento histórico, utilizar textos mais curtos, atividades com imagens, leitura de letras de músicas, poesias são recursos que contribuem consideravelmente com os objetivos, porque possibilitam a ampliação de vocabulário e de seus significados. As atividades devem continuar diversificadas e capazes de envolver as crianças: a dramatização, a criação de maquetes, pinturas e desenhos são as mais

indicadas, pois a capacidade de abstração ainda não possibilita reflexões profundas a partir de textos longos e complexos.” (HIPÓLIDE, 2009, p. 55-56).

A professora nos relatou que as crianças não vivenciam aulas-passeio por não existir possibilidade de tal atividade; entretanto, estas técnicas proporcioná-los-iam a experiência com fatos e ambientes reais que pertencem à história de sua cidade, visando que o educando construa seus próprios conceitos a respeito do estudo desenvolvido, promulgando suas opiniões a partir do conhecimento precedente e oportunizando-os a identificarem-se como sujeitos históricos (HIPÓLIDE, 2009).

Partindo então, para um encontro particular com as crianças, estas nos afirmaram o gosto pelo estudo e pelas brincadeiras, no entanto, são bastante insatisfeitas com as atitudes da atual diretora que segundo eles é autoritária e intransigente. De acordo com Paulo Freire (1996), o educando deve ser respeitado quanto a sua curiosidade, suas escolhas, sua inquietude, e seu modo de atuar a cada momento; e quando este é ironizado e humilhado lhe é retirado à liberdade e o direito de ser curioso e inquieto. “Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”. (PAULO FREIRE, 1996, p. 61).

Percebemos claramente, o quanto se encontra internalizado na cabeça das crianças que “as principais disciplinas são apenas Português e Matemática, por serem mais utilizadas, e que as outras como a História servem apenas para decorar”. A partir deste depoimento, compreendemos nitidamente que estes indivíduos não são estimulados a se intuírem como sujeitos da história. E no momento em que dos próprios é sugerido, que sua aprendizagem tem maior êxito quando realizam debates, gincanas ou pesquisas na internet, entendemos como necessitam de atividades motivadoras e diferenciadas; chegando a tal ponto de argumentar: “a gente gostaria que as aulas fossem sempre assim interessantes”.

Quando solicitamos dos alunos que se colocassem no papel do professor, os mesmos disseram que sendo eles uma vez professores, explorariam em suas aulas atividades interessantes como aulas de campo, onde conheceriam os pontos históricos de Parnaíba, e outras. E assim compreendemos que as atividades:

[...] devem ser diversificadas, a fim de permitir o desenvolvimento de habilidades e capacidades cognitivas, tais como a produção de textos, a realização de pesquisas e, em alguns momentos, encenações teatrais. No

desenvolvimento de atividades em grupo, o professor deve estimular o registro de conclusões de pesquisas, leituras, análises e observações resultantes da produção de um conhecimento socializado e compartilhado. [...] Ressalta-se, por fim, que a preocupação do professor deve estar ligada à qualidade do tempo de aprendizado dos alunos. Uma ou duas atividades bem conduzidas representam ganho de qualidade na convivência e na motivação dos alunos.” (BERUTTI e MARQUES, 2009, p. 153-154).

Quanto à relação professor-aluno, de acordo com a visão das crianças não é satisfatória, pois se sentem reprimidas de maneira abusiva por agirem de forma dispersa em alguns momentos no decorrer da aula; mas para Ayres (2007), para manter a atenção das crianças é necessário seguir a risca determinados detalhes tidos como essenciais, sendo eles: domínio do conteúdo pelo professor, a metodologia utilizada deve ser estimulante de modo que despertem o interesse do aluno, e o empenho do professor quanto à ação didática transparecendo para as crianças o compromisso existente em suas práticas, fazendo com que se sintam sensibilizados e motivados a obter o prazer pela aprendizagem.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões apresentadas para entender de que maneira está se desenvolvendo o Ensino de História nas séries iniciais das escolas públicas de Parnaíba, percebemos um grande déficit quanto aos métodos e técnicas aplicados na organização do processo ensino aprendizagem, demonstrando carência e necessidade em relação ao uso de atividades significativas que reflitam sobre a realidade do educando.

Neste sentido, ao se propor um ensino que visa maior aproximação com o contexto das crianças, torna-se indispensável que inicialmente os docentes revejam suas práticas bem como os objetivos a serem conquistados, de modo que compreendam o real sentido de seu exercício profissional. É com essa visão que o educador despertará no aluno habilidades de expressão crítico-reflexivo, e não apenas a formação de indivíduos caracterizados pela ação mecânica e finalizada, pois agindo desse modo serão retirados destes a oportunidade de discernirem entre o certo e errado e, o justo e injusto.

De acordo com a concepção de Fonseca (2009), "fazer e ensinar História" significa não apenas oferecer respostas prontas, mas direcionarmos perguntas ou, quem sabe, mudar nossas perguntas; E a relação de ensino e aprendizagem precisa ser um convite e um desafio para alunos e professores cruzarem, ou mesmo subverterem, as fronteiras impostas entre as diferentes culturas e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, certos de

que o principal caminho para esta conquista é a reflexão crítica e habitual sobre nossos saberes, atitudes, compromissos e práticas dentro e fora da escola.

Entretanto, para ocorrer tais transformações é imprescindível que os professores analisem o ensino de História como algo contribuinte para o meio social, compreendendo que devem ter compromisso em relação às propostas curriculares, procurando refletir sobre suas práticas elaborando aulas significativa e interessante para o educando . Sendo assim ressalta-se a necessidade de repensar o ensino de História de forma dialética, no qual os conhecimentos apresentar-se-ão por meio de confrontos de ideias e pensamentos, e não apenas pela transmissão ou internalização das informações de modo como são atribuídas.

Além disso, é comum encontrarmos nas salas de aula, considerados índices de alunos desatenciosos e indisciplinados, e a partir dessa realidade nos tornamos convictos de que a principal causa desses problemas são as aulas mal elaboradas, e conseqüentemente desestimulantes para os mesmos, pois se para um adulto é inviável a permanência por horas em um mesmo local, para uma criança certamente não será o contrário. Com isso, é importante que os educadores proporcionem aos alunos através de suas práticas momentos prazerosos e dinâmicos levando-os a sentirem a necessidade de buscar novos conhecimentos.

O educando se sentirá estimulado, quando lhe for indagado e considerado as informações já detidas anteriormente, desabrochando em seu ser o sentimento de autonomia e capacidade para a construção de novos saberes, ao mesmo tempo em que todas as disciplinas também deverão ser apresentadas de maneira interdisciplinar, onde as crianças possam se perceber como colaboradores do desenvolvimento do conhecimento e de sua vida em sociedade, sendo necessário a integração e o envolvimento de todos os profissionais que compõem o processo educativo, realizando a partir de então o planejamento participativo. Entretanto, quão forte é a insatisfação das crianças em relação à falta de dinâmica do professor, à atitude da direção e à deficiência do uso de recursos inovadores. Sendo assim, a escola como um todo deve se mobilizar através das ações dos indivíduos que nela atuam, em prol das mudanças do papel da educação em direção ao desenvolvimento social, e o extermínio da desigualdade de classes.

Por fim, concretizamos que o ensino de História desenvolvido nas escolas públicas parnaibanas reproduz um caráter indigno de uma educação ideal, servindo apenas para introduzir nas mentes de nossas crianças a tese de que não há nada mais a se fazer pela

sociedade, e que as mesmas são incapazes de direcionarem uma nova percepção para nossa História. Entretanto, deixa-se a oportunidade de reflexão para aqueles que se indignarem com a presente realidade insatisfatória de nossas escolas e com o modelo reprodutivista de nosso processo educativo. Possibilitando a partir de então o pensar e o agir de maneira cuidadosa, complexa e consciente quanto à ideia de que a disciplina de História possui conhecimentos importantes, e que esses saberes devem ser apresentados através de um caráter dinâmico e motivador para professores e alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYRES, Antônio Tadeu. **Prática Pedagógica Competente: Ampliando os saberes do professor.** - 3ª Ed.- São Paulo: Vozes, 2007.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História.** Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** - 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: História e geografia /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC / SEF, 1997.

BRODBECK, Marta de Souza Lima. **O Ensino de História: um processo de construção permanente.** Curitiba; Módulo, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História: Anos iniciais do Ensino Fundamental.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

HIPÓLIDE, Márcia Cristina. **O Ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental: Metodologias e conceitos.** São Paulo: Companhia, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** -9ª Ed. Revista e aprimorada – São Paulo: Hucitec, 2006.

REVISTA NOVA ESCOLA. **Relação com os Pais e a Comunidade.** São Paulo: Abril Cultural, dezembro, 2010.